LUDICIDADE: ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO OU O “SIMPLES” ATO DE BRINCAR?[1]

Anna Claudia da Rocha Klarmann Bogoni

Resumo: Este artigo é resultado de um trabalho de conclusão do curso de Pedagogia que analisou a abordagem do lúdico na prática pedagógica de uma professora de um Centro de Educação Infantil localizado na cidade de Curitiba/PR. Para a execução da pesquisa houve a aplicação de uma entrevista com a professora, a qual atua com crianças de cinco anos, bem como observações da turma, registradas em um diário de campo e por meio fotográfico, relacionando com referências teóricas da área. Foi possível observar que em momentos de brincadeiras livres as crianças interagiram mais, incorporaram personagens e os aliaram ao faz-de-conta, diferentemente das brincadeiras dirigidas onde houve menor interação entre os pares.

Palavras-chave: Ludicidade. Criança. Educação Infantil. Brincadeira.

1 INTRODUÇÃO

O brincar, para a criança, corresponde a explorar momentos da sua imaginação e assim, desenvolver-se e constituir-se como sujeito social.

A brincadeira pode estar presente desde o faz de conta até jogos mais elaborados com regras ou com objetivos pedagógicos.

Veit e Sá (2014, p. 12) analisaram o termo lúdico em sua origem referindo que estaria relacionado apenas “ao brincar, ao jogar e ao movimento espontâneo. No entanto, a evolução semântica do termo fez ultrapassar o significado original, levando-nos a entender o lúdico, também, como traço essencial do comportamento humano”.

Assim, as autoras acreditam que o lúdico vai além do brincar espontâneo, passando a fazer parte das atividades essenciais do ser humano.

[1] Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade do Sul de Santa Catarina, sob orientação da professora Daniela E. Monteiro Will, no segundo semestre de 2017.

“A brincadeira é a primeira linguagem corporal da criança no que se refere à rede de comunicações que a desafia a sentir o mundo” (VEIT; SÁ, 2014, p. 15). Ainda, dentro dos primeiros anos de vida do ser humano é possível ver a presença do jogo, da imaginação e do faz de conta, manifestações claras nas vivências das crianças.

Vargas e Schmitti (2006), em sua pesquisa, refletiram sobre a presença do brincar observando as brincadeiras de um grupo formado por crianças com idade entre 2 anos e 7 meses e 3 anos e 7 meses. Para isso utilizaram os seguintes instrumentos de pesquisa: fotografia, registros escritos e referencial bibliográfico. As autoras concluíram que “ao registrarmos as brincadeiras realizadas pelas crianças durante o estágio, mais especificamente o faz-de-conta, foi possível notar o vínculo com o real, o vivido, o já conhecido, porém, também observamos a “transgressão” deste, criando outras possibilidades de viver este real de forma criativa e inovadora” (p. 8). Complementaram referindo que por meio da brincadeira a criança é capaz de inventar um mundo repleto de imaginação e fantasia; utilizando diferentes linguagens, como: sons, gestos, palavras e posturas para representar suas experiências. Sendo assim, as pesquisadoras referiram o quão significativo é o papel do professor no sentido de possibilitar o brincar às crianças, de respeitar os direitos da infância e de contemplar em suas práticas educativas o espaço para a brincadeira.

Já Ramos (2000) propôs uma pesquisa para analisar como ocorre o brincar da criança na prática de educadores de Educação Infantil e primeiros anos do Ensino Fundamental. Ainda não há dados conclusivos, mas a autora afirma que é preciso permitir à criança espaço para brincar, pois com isto ela irá interagir com o meio de diferentes maneiras, contribuindo para que o profissional tente compreendê-la. Entretanto, a pesquisadora indaga: ‘será que os professores estão preparados para lidar com estas questões no mundo infantil?” afirmando que na prática profissional há um despreparo por parte dos professores de Educação Infantil no que se refere ao “lidar adequadamente com o brincar infantil no âmbito escolar.” (p. 3).

Queiroz e Carvalho (2016) também estudaram sobre a importância do lúdico na Educação Infantil. Para isso, iniciaram com um levantamento

bibliográfico e, posteriormente, realizaram uma entrevista com 4 professores desta área, questionando a utilização da ludicidade na prática pedagógica com seus alunos. As autoras concluíram que todos os professores concordaram sobre a importância de utilizar a ludicidade em sua prática pedagógica, facilitando assim o processo de ensino e aprendizagem. Para isto, os professores inserem os seguintes recursos: jogos, músicas, brincadeiras e sucatas.

Assim, a pesquisa relatada neste artigo analisou como uma professora de um Centro de Educação Infantil localizado na cidade de Curitiba/PR abordou o lúdico em sua prática pedagógica. Foi verificado se a abordagem lúdica ocorreu como encaminhamento metodológico ou como forma de brincar livremente.

A metodologia adotada para o desenvolvimento desta pesquisa foi um estudo de caso com uma turma de um Centro de Educação Infantil da cidade de Curitiba/PR onde houve a aplicação de uma entrevista com a professora da turma (crianças completando 5 anos) e a observação em quatro dias úteis com registro escrito em diário de campo e fotográfico.

No decorrer deste artigo o leitor será situado na fundamentação teórica, discussão dos resultados e conclusões.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É difícil ter um conceito único de infância, pois não há uma criança única e definitiva, cada criança tem suas características próprias e recebe influência do meio em que vive; segundo o contexto familiar, cultural e social em que está inserida. Segundo Boeing, Will e Nunes (2013, p. 15) “o significado genérico da infância está diretamente ligado às transformações sociais, culturais e econômicas da sociedade”.

Kail (2004) refere que muito mudou na concepção da infância da década de 80 para os tempos atuais, há de se ver através das imagens em fotografias, quadros e notícias. Tal mudança ocorreu com a alteração na organização da sociedade, nas relações de trabalho, nas atividades realizadas e nos tipos de inserção que a sociedade tem com as crianças. Assim, há de se compreender a criança segundo uma perspectiva histórica. Para o autor (2004) a ideia de

infância é mutável conforme a estruturação da sociedade, por exemplo: se ela é capitalista, o papel social da criança será diferente quando comparado aos sistemas anteriores, como o feudal. Sendo assim, o conceito de infância é determinado historicamente pela modificação nas formas de organização da sociedade.

Atualmente vê-se a construção do conceito de infância relacionado com o respeito às especificidades das crianças, sendo a sua "consideração como uma categoria social legitimada (...) isso implica em construir outros conhecimentos com as crianças acerca de seus mundos de vida, pela ruptura com noções de poder unilateral entre adulto e criança" (FERREIRA, 2004, p. 90).

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998) o aumento das crianças presentes na Educação Infantil tem evoluído crescentemente nas últimas décadas, isto deve-se pelo fato da maior industrialização e da presença das mulheres no mercado de trabalho. Ainda, a sociedade também está mais consciente da importância do desenvolvimento infantil nos primeiros anos de vida. Então, a Constituição Federal de 1988 determinou, a partir desta data, que o atendimento para crianças de zero a seis anos fosse reconhecido como um dever do Estado e um direito da criança.

O RCNEI (1998) também indica que "a Educação Infantil é considerada a primeira etapa da educação básica, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade". Com a mudança da lei para o Ensino Fundamental de Nove Anos, esta etapa encerra-se aos cinco anos de idade.

O lúdico está presente na vida dos seres humanos desde o nascimento e em diversos ambientes e um dos ambientes em que a criança se encontra é o espaço da Educação Infantil.

Dentro do RCNEI (1998) há destaque para o item "brincar" sendo uma das vivências para as crianças que fazem parte deste contexto; indicando assim a importância dessa ação para o desenvolvimento e para o aprendizado da criança.

Para Kishimoto (2009) a utilização de atividades lúdicas no ambiente escolar é um dos fatores para que haja uma melhor aprendizagem. Por meio das

brincadeiras e jogos as crianças vivenciam os contextos sociais, desenvolvem a afetividade, manipulam objetos, ampliam a coordenação motora, contribuindo assim para o seu desenvolvimento e aprendizagem.

Educar compreende proporcionar situações de cuidados, as brincadeiras propiciam aprendizagens que orientadas de forma integrada melhoram o desenvolvimento, as capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com o outro (RCNEI, 1998).

Assim, ter como base o brincar e o jogo na Educação Infantil corresponde a transportar para o campo do ensino-aprendizagem condições que auxiliam na construção do conhecimento, introduzindo as propriedades do lúdico, do prazer, ação ativa e motivadora (CONCEIÇÃO, 2015).

Kishimoto (2016) em seu livro “O jogo e a Educação Infantil” destacou os autores Caillois (1967), Huizinga (1951), Henriot (1989), Fromberg (1987) e Christie (1991) que discutiram a natureza do jogo: suas características ou “semelhanças de família”, segundo Wittgenstein.

Huizinga (citado por KISHIMOTO, 2016) refere o jogo como elemento da cultura, sendo as seguintes características relacionadas aos aspectos sociais: o prazer que o jogador apresenta, o caráter “não sério” da ação, a liberdade do jogo e sua separação dos fenômenos do cotidiano, a existência de regras, o caráter fictício ou representativo e a limitação do jogo no tempo e no espaço.

Caillois (citado por KISHIMOTO, 2016) seguiu a mesma linha de Huizinga referindo como características do jogo a liberdade da ação do jogador, a separação do jogo em limites de espaço e tempo, o caráter improdutivo de não criar nem bens, nem riqueza e suas regras. Para o autor o que importa é o processo em si de brincar em que a criança está envolvida.

Para Henriot (citado por KISHIMOTO, 2016) o jogo supõe uma situação concreta e um sujeito que age segundo ela, sendo assim há dois elementos: a situação concreta compreendida como jogo e a atitude mental do sujeito envolvido na atividade.

Segundo Fromberg (citado por KISHIMOTO, 2016) o jogo infantil possui as seguintes características: simbolismo, significação, atividade, intrinsicamente motivado, regrado e episódico.

E Christie (citado por KISHIMOTO, 2016) reconsidera as características do jogo infantil como: (*i*) a não lateralidade onde a realidade interna predomina sobre a externa; (*ii*) efeito positivo: quando a criança brinca livremente e se satisfaz há sorrisos resultando em efeitos positivos na dominância corporal, moral e social da criança; (*iii*) flexibilidade, pois brincar leva a criança a ser mais flexível e buscar alternativas de ação e (*iv*) prioridade do processo do brincar: o jogo só é jogo quando a criança pensa apenas em brincar. O jogo educativo na sala de aula desvirtua esse critério ao dar prioridade ao produto, à aprendizagem de noções e habilidades.

Kishimoto em seu livro “O brincar e suas teorias” (2016) estudou o papel do jogo e do lúdico de acordo com o psicólogo Bruner. A autora refere que quando o jogo acontece sem pressão, ou seja, em situação de familiaridade e com segurança emocional há subsídios para a aprendizagem das normas sociais em situações de menor risco.

Bruner (citado por KISHIMOTO, 2016) também considera as brincadeiras de esconder relevantes para o desenvolvimento cognitivo, estimulando a aprendizagem da linguagem e a solução de problemas.

Tal autor afirma ainda que, quando a criança brinca ela não está preocupada com os resultados, mas sim com o prazer e a motivação que a impulsionam na ação para explorações livres. Assim, a cultura lúdica auxilia na exploração e na flexibilidade do ser que brinca, pois qualquer um que se brinca deve atrever-se a explorar, a ir além da situação dada na busca de soluções pela ausência de avaliação ou punição. Ainda, Bruner (citado por Kishimoto, 2016) relata que com o brincar a criança aprende a solucionar problemas e, para isto, há três elementos da aprendizagem: a aquisição de uma nova informação, sua transformação e avaliação.

Poletto (2005) refere que por meio do lúdico a criança manifesta suas vivências internas interagindo com a realidade externa, inserindo-a na cultura. A mesma autora relata que o brincar é uma atividade culturalmente definida e uma necessidade para o bom desenvolvimento infantil.

Silva (2007) concorda com o autor acima quando diz que o lúdico é de natureza social, cultural e histórica, tendo diversos significados que vão se

alternar conforme as vivências ocorridas nas dimensões espaço-temporal e histórico-social. Ainda, falar do lúdico representa muito mais que uma atividade em si, mas sim uma experiência significativa que ocorre na articulação de diferentes conteúdos culturais. Sendo assim, cada realidade social representa o seu conteúdo cultural o qual é construído baseado no cotidiano, na história passível de mudanças sociais, políticas e econômicas.

Finalizando, Ostetto (2000, p. 10) conclui a grande importância que um professor tem quando é mediador e organizador do tempo da criança dentro de uma instituição de Educação Infantil, visto que por meio dele os alunos envolvem-se no que é planejado e entram neste mundo da imaginação e descoberta, formando um “eu comigo, eu contigo, nós com eles, todos juntos... e abrindo-se para o novo, para o crescimento, para o aprendizado coletivo”.

3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No dia 22 de setembro de 2017 foi realizada uma entrevista no Centro de Educação Infantil com a professora Maria (nome fictício). Esta professora é docente da turma de Pré II B (crianças que completam 5 anos no segundo semestre de 2017), possui dezessete anos de formação, sua idade é de 37 anos e atua há 9 anos neste estabelecimento de ensino, sendo o terceiro apenas nesta classe. Formada em Magistério, cursou até o terceiro ano de Pedagogia e trancou a faculdade recentemente por problemas familiares, tendo a intenção de retomá-la brevemente. Sendo assim, não possui outros cursos na área, como de pós-graduação. Entretanto, relatou que na própria graduação teve formação sobre o brincar na infância e participou de oficinas e cursos que fizeram grande diferença em sua formação.

A professora referiu que entende por ludicidade “o ensinar através de brincadeiras, é trazer movimento para o conteúdo trabalhado, tornando-o vivo e significativo para as crianças”. Maria também indicou que utiliza o lúdico em sua prática pedagógica abordando os conteúdos inicialmente de forma lúdica, assim, acredita que tem maior atenção e interesse por parte de seus alunos. Relatou que músicas e teatros são as formas preferidas de abordar um novo conteúdo; como exemplo citou: “ao trabalharmos a subtração, dramatizamos com as

meninas da nossa turminha o livro: O chá das dez, utilizando fantasias e encenando a história, assim apresentamos para as duas turmas de Prés 2 e depois fizemos os registros necessários no caderno de matemática".

Quando questionada sobre o porquê de utilizar a brincadeira em sua prática pedagógica referiu que acredita que o brincar faz parte do mundo das crianças, complementando: "elas entendem quando se fala em brincar", assim ao acrescentar o conhecimento com o brincar sente que o rendimento das aulas é bem maior e o aproveitamento dos conteúdos por parte das crianças também.

A professora também citou que seus alunos brincam livremente e considera importante esta parte, pois assim utilizam a imaginação e a criatividade, sendo possível avaliar o resultado do seu trabalho desenvolvido.

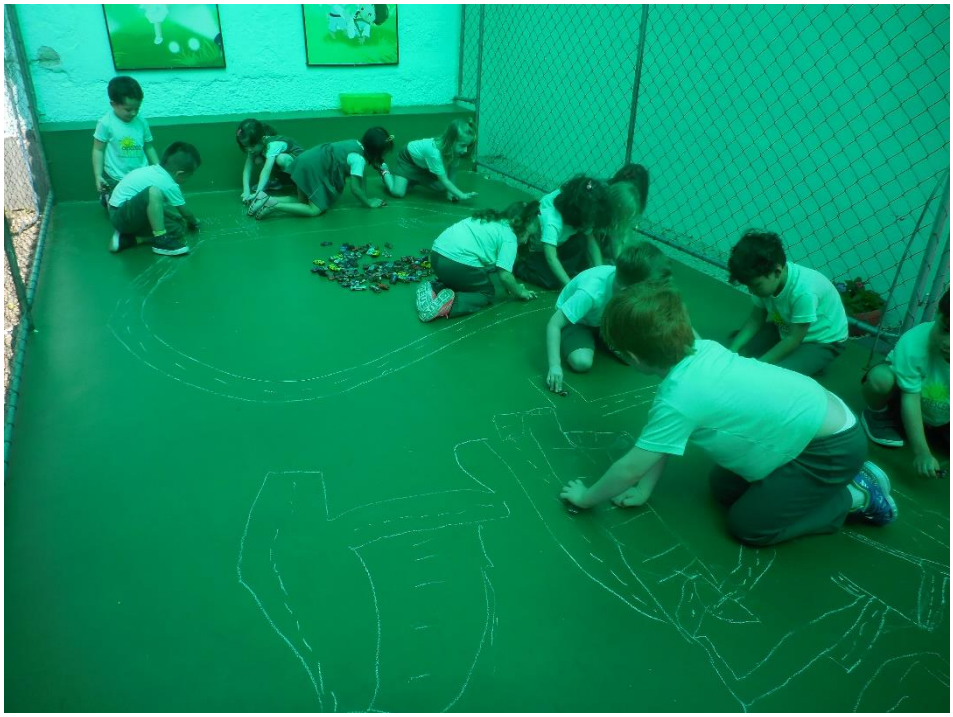
Outra questão foi relacionada a propor uma situação onde os alunos deveriam criar regras para um jogo, então a professora relatou que fez a tentativa de inovar a brincadeira "morto-vivo" e as crianças trouxeram novas palavras de ordem e movimentos, reinventando esta brincadeira tão antiga!

Para finalizar a entrevista a professora foi indagada sobre o envolvimento da escola na relação da brincadeira como ação pedagógica e a mesma respondeu que "a escola em que atuo acredita que o brincar é fundamental para o desenvolvimento da criança como um todo. Além do apoio que temos do corpo docente, recebemos semanalmente através do planejamento, ideias e dicas para deixar o trabalho cada vez mais atrativo e eficiente".

O registro no diário de campo e fotográfico ocorreu com a turma de Pré 2 B, crianças que completam 5 anos durante o segundo semestre do ano letivo de 2017. Na rotina desta turma há dias com atividades lúdicas e dias apenas com registro nos cadernos, devido a presença das aulas especiais, sendo assim para o presente artigo foram selecionados dois dias: o primeiro que refere-se a construção de uma pista de carrinhos e o segundo ao trajeto dos meios de transporte. Também foram observados um dia de parque com momentos livres e um dia de criação de foguete (em Educação Artística) para brincar com o mesmo posteriormente.

3.1 A PISTA DE CARRINHOS

A professora Maria comentou que estaria iniciando um novo conteúdo: “Meios de transporte”, para tanto levou os alunos à quadra da escola e montou uma grande pista de automóveis para as crianças brincarem livremente com carrinhos do estilo *hot wheels*, conforme a foto.



A professora disse que estaria iniciando uma pista de carrinhos, desenhando-a com giz de quadro no chão da quadra, mas que também contaria com o auxílio das crianças para que pudessem desenhá-la, então desenhou parte desta e entregou o giz para as crianças completá-la. Já nesta fase foi possível observar a fala dos alunos, como: “ei, vou fazer esta rua pra cá” ou outro “mas a minha tem que continuar aqui”, ainda: “faltou o semáforo, onde ele vai?”.

Então a professora distribuiu os carrinhos, colocou cerca de 30 a 40 unidades no chão e deixou que cada um escolhesse o seu, indicando que poderiam trocar o modelo quando quisessem. A brincadeira teve seu início após a professora comentar que ali estavam representados numa mini-cidade onde o trânsito deveria ser respeitado pelos carros seguindo o mesmo direcionamento, sem “batidas”, com uma velocidade adequada.

As crianças brincaram com alegria, registrando algumas falas (nomes fictícios):

- “Vamos para o mesmo lado, vamos para o trabalho!” Laura falando para sua amiga Marina.
- “Vou trocar me carro, ele é fraco!” Marina respondendo a Laura.
- “Vamos correr! Vamos rápido!” Tiago comentando com Pedro.
- (Som de sirene) “Eu sou o bombeiro, tô chegando pra apagar este incêndio!” disse Luiz.
- “Ei, espera por mim!” Ana Paula, ao ver que a amiga estava passando com o carro dela ao seu lado.
- “Que trânsito amigo!” Paulo ao ver diversos carros na pista exclamou para o Bruno.
- “Tia, tem trânsito! Estou indo viajar e meu carro tá parado!” Quando percebeu o que o Paulo havia lhe dito e interagindo com a professora.
- “Vamos no shopping: eu e a Maiara.” Isabela falando para a amiga Lorena e apontando para Maiara.
- “1, 2, 3 e já! Corrida, corrida.” Diego estimulando os meninos a apostarem uma corrida de carrinhos.
- “Ei, acabou a gasolina do meu carro, onde fica o posto, por favor?” Lorena mostrando o seu carrinho e perguntando para Bruna.
- “Acho que fica subindo aquela rua ali!” Bruna respondendo a Lorena.
- “Parou, sinal vermelho!” Flávio resmungando para o colega que estava correndo com o carrinho ao lado do seu.

As crianças permaneceram nesta interação por cerca de 30 minutos. Próximo ao término da brincadeira a professora propôs uma reflexão à turma: “havia muitos carrinhos nesta mini-cidade? Todos respeitaram o trânsito? Vocês vêm de carro para a escola? Gostaram deste momento?”.

3.2 O TRAJETO DOS MEIOS DE TRANSPORTE

Neste dia a professora do Pré 2 B tinha uma reunião de pais às 13:30h, portanto a professora do Pré 2 A ficou com as duas turmas para uma

intervenção: brincadeira dirigida para posterior registro. Sendo assim, a professora marcou com fita crepe larga o chão em três trajetos e para cada um deles utilizou um meio de transporte, como: carro, avião e barco, sendo que para cada meio de transporte deveriam fazer o movimento solicitado pela professora porque depois fariam o mesmo no caderno: o carro deveria seguir em linha reta, o avião em movimentos circulares e o barco em zigue-zague, onde as linhas seriam imaginárias das crianças. Ao final do percurso as crianças trocavam de lugar, por meio da intervenção da professora, para que pudessem experimentar todas as direções. A dinâmica encerrava-se quando pegavam o gizão e traçavam um dos percursos no papel bobina.

Após a participação de todas as crianças a professora pediu que levantassem e formassem uma grande roda, então ela colocava o som do meio de transporte no computador e as mesmas deveriam adivinhá-lo. Após, dançavam parte da música representando o meio de transporte selecionado.

Seguem fotos.

Percebi que na brincadeira dirigida houve pouca fala das crianças, talvez pelo fato de exigir maior concentração das crianças e menor interação entre as mesmas. Sendo assim, o registro maior ocorreu com o som de alguns meios de transporte, principalmente feito pelos meninos, como nos carros, imitando o som destes.

Quando a professora propôs a segunda brincadeira que envolvia maior participação de todos, percebi mais falas, como exemplos que seguem:

- Ao colocar o som do navio algumas crianças estavam na dúvida e ela perguntou: “Este som é de qual meio de transporte?” A Mariana respondeu: “É do avião” E o Leonardo retrucou: “Acho que é a buzina de um navio!” Ao ser desvendado a Mariana falou entre os dentes um pouco chateada: “Tinha certeza que era um avião!”

- A professora também dava o comando, como: “como faz a asa do avião, ela pode dobrar?” E o Bruno respondeu: “Não, senão ele vai quebrar!” A professora aproveitou e pediu: “Então vamos abrir os braços e deixá-los bem retinho, pessoal!” E todos seguiram o comando. Aí ela perguntou: “mas o avião vai sempre na mesma direção?” O Luiz disse: “Não, ele sobe, faz curvas e depois

desce!” A professora pediu: “vamos dar voltas pra um lado, depois para o outro.” A Laura fez: “ooooooooo!!!”

- A cada meio de transporte trocado as crianças vibravam quando o adivinhavam, pois a maior parte deles foi de fácil percepção. Quando a professora colocava a música para dançarem quase todos interagiam com facilidade.

- Ao ouvir o som do carro o Paulo falou: “Este é um carro, tenho certeza, pois é igual o som do carro do meu pai!”

- Na buzina do carro a Isabela disse: “Parece a buzina do carro do meu vô!”

- Ao imitarem o avião o Pedro falou para o Bruno:- “Sabia que eu já viajei de avião pro Rio de Janeiro?” E o Bruno respondeu: - “É, que legal! Eu nunca viajei de avião!”

- Quando estavam dançando a música do trem a Lorena perguntou para a Bruna: - “Você já viajou de trem?” E a Bruna disse: - “Eu não e você?” Ela respondeu: - “Também não, mas deve ser bem diferente, né?!”

Ao analisar o termo lúdico, Veit e Sá (2014, p. 12) afirmam que, originalmente, este referia-se apenas ao brincar, ao jogar, ao movimento espontâneo. Entretanto, sua evolução também levou a entender o lúdico como traço essencial do comportamento humano. As autoras relataram que o que caracteriza o lúdico é a experiência plena que ele possibilitaria a quem o vivencia.

De acordo com Borba (2001) o brincar é uma das principais atividades de desenvolvimento para a criança, pois com as brincadeiras é possível ampliar algumas capacidades, como: atenção, memória, imitação e imaginação. É no brincar que as crianças refletem a realidade cultural em que estão inseridas, incorporando regras e também questionando os papéis sociais.

A mesma autora refere que a brincadeira não deve ser vista como algo natural e biológico, mas sim como uma aprendizagem social que provém da interação entre os sujeitos de um grupo social. Isto porque desde pequena a criança entra em contato com objetos e brinquedos e suas respectivas propriedades e usos sociais; auxiliando na compreensão da cultura do grupo social em que vive.

Assim, cabe à Educação Infantil considerar esta abordagem – fundamentada na perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento – e promover condições de organização e planejamento para o desenvolvimento e aprendizagem do brincar.

Na Educação Infantil há diferentes concepções na forma de como a brincadeira é inserida no cotidiano, sendo: (*i*) *concepção estruturalista e organicista do brincar*, onde "a brincadeira é vista como uma atividade natural e espontânea, originada na própria essência da criança" e a mesma ocorre como uma atividade recreativa e (*ii*) *utilização da brincadeira como instrumento didático*, onde a brincadeira é utilizada para "ensinar noções e habilidades como cores, formas, partes do corpo, numerais, entre outras. É usada como forma de sedução e treinamento para a aprendizagem". (BORBA, 2001).

A professora entrevistada referiu que tem o hábito de inserir o lúdico em sua prática pedagógica não só por ser uma preocupação da escola em que atua, mas também pelo fato de considerar o lúdico como fator de incentivo para aprender novos conteúdos. Nessa perspectiva, vê-se a presença da brincadeira muito mais como o segundo item (utilização da brincadeira como instrumento didático), do que como uma atividade natural e espontânea, apesar da mesma ocorrer principalmente em momentos de parque, onde brincam livremente.

Veit e Sá (2014, p. 13) relatam que a presença da prática lúdica extrapola o brincar espontâneo, passando a fazer parte das atividades essenciais da dimensão humana. Por isto, "é preciso que o professor tenha uma predisposição interna, uma atitude diferenciada que não é vista apenas no conhecimento, mas também nas ações."

Para Borba (2001) "a brincadeira deve ser um dos eixos de organização do trabalho pedagógico", envolvendo diferentes formas de jogos e brincadeiras que contribuam para as diferentes aprendizagens e para a ampliação da rede de significados construídos pelas crianças, como exemplo: brincadeiras de faz-de-conta organizadas pelas próprias crianças, a transmissão e reinvenção de brincadeiras culturais tradicionais, os jogos de construção e os jogos educativos.

Em entrevista à docente foi possível perceber a presença da ludicidade em sua formação e como exemplificou casos em que inseriu esta para um melhor rendimento da turma e maior troca de informações, no que se refere ao uso da mesma para um melhor aprendizado dos conhecimentos escolares/científicos, mas não como forma de desenvolvimento integral da criança.

O jogo, a brincadeira e o brinquedo podem estar inclusos no “ato de brincar” que é prazeroso e fonte da essência para o equilíbrio humano. Veit e Sá (2014, p. 21) também indicam que “brincar é a forma mais completa que a criança tem de comunicar-se consigo mesma e com o mundo, viabilizando, refletindo, movimentando-se, gerando canais de locução e interlocução”. Então, a linguagem cultural da criança é a linguagem lúdica.

A prática de brincar também ocorreu na turma do Pré II B do Centro de Educação Infantil analisado por meio do brincar livremente e de criar novas brincadeiras, assim explorou-se a imaginação e a criatividade, promovendo a interação entre os pares. Entretanto, ainda há de se pensar em mais práticas correspondente à concepção estruturalista e organicista do brincar.

Para Veit e Sá (2014, p. 27) no brincar a criança deixa se levar pela atividade, pelo objeto, ou seja, o brinquedo e o brincar tornam-se uma coisa só. Fato presente em brincadeiras vistas como na pista de carrinhos.

No brincar a criança experimenta comportamentos, ações, percepções, tornando-se mais segura e autônoma. Na brincadeira a criança assume diferentes papéis, agindo de diferentes formas conforme a sua realidade, transferindo para o brincar suas ações cotidianas. Pôde-se perceber esta fala nas representações das crianças como em brincadeiras livres no parque ou mesmo quando referiam práticas de sua vida, exemplos vivenciados com seus familiares.

Kishimoto (2016, p. 22) destaca que a criança precisa aprender a brincar e que as brincadeiras de bebês que ocorrem entre a mãe e a criança são indiscutivelmente essenciais para essa aprendizagem, pois com o simbolismo ela vai assumindo um verdadeiro papel e reconhecendo as características essenciais do jogo. Assim, há estruturas pré-existentes que definem a atividade

lúdica em geral e para cada nova brincadeira proposta a criança ela aprende antes de utilizá-la em novos contextos, sozinha ou com outras crianças.

Nas brincadeiras vivenciadas ou mesmo em momentos do brincar livremente foi possível observar a interação entre as crianças, algumas vezes brincavam individualmente e, em outras, promoviam a troca entre os pares, como no caso das conversas presentes na pista de carrinhos.

Kishimoto (2016, p. 24) também traz o conceito de cultura lúdica como "aquela composta de um certo número de esquemas que permitem iniciar a brincadeira", visto que irão produzir uma realidade diferente da vida cotidiana. Assim, a cultura lúdica compreende estruturas de jogo que não se limitam às de jogos com regras.

Para Borba (2001, p. 34) "a brincadeira é uma palavra estreitamente associada à infância e às crianças". Entretanto, infelizmente algumas vezes é considerada irrelevante e por mais que se saiba da sua importância pode ser tratada como uma atividade à parte, com redução de sua presença no contexto da formação escolar da criança.

Na brincadeira direcionada com o trajeto dos meios de transporte quase não se ouviu a fala das crianças, provavelmente porque tinham que prestar atenção nas regras, para cumpri-las; sendo assim houve uma redução das interações entre as mesmas quando a brincadeira não foi livre.

Segundo a psicologia, o brincar é um importante processo psicológico, fonte de desenvolvimento e aprendizagem. Quando a criança brinca ela se revela em suas ações e é possível conhece-la melhor, pois assim irá reelaborar e reinterpretar situações de sua vida cotidiana (BORBA, 2001).

Ramos (2000, p. 2) refere que "as brincadeiras e os jogos vão surgindo gradativamente na vida do ser – desde os mais funcionais até os de regras, mais elaborados".

Borba (2001) corrobora com o autor acima quando destaca que aprende-se a brincar desde cedo, nas relações estabelecidas com os sujeitos e com a cultura. Assim, brincar envolve múltiplas aprendizagens. As brincadeiras de imaginação/fantasia exigem que os participantes entendam que o que está se

fazendo não é o que aparenta ser; nestas há investimento nas falas, expressões e gestos; ampliando o universo simbólico.

O plano informal das brincadeiras possibilita a construção e ampliação de comportamentos e conhecimentos nos planos da cognição e das interações sociais, o que certamente tem consequências na aquisição de conhecimentos no plano da aprendizagem formal (BORBA, 2001, p. 38).

A mesma autora refere que a brincadeira é um lugar de construção de culturas fundado nas interações sociais entre as crianças. É também suporte da sociabilidade, pois o desejo de brincar com o outro é a principal razão que leva as crianças a se engajarem em grupos de pares (2001, p. 41).

Na pesquisa realizada as crianças combinaram sentimentos e fatos reelaborando-os com novas possibilidades de interpretação e de representação do real, segundo suas afeições, necessidades, desejos e paixões.

3 CONCLUSÕES

A brincadeira é uma necessidade da criança, pois com ela é possível criar um mundo repleto de imaginação e fantasia e assim, utilizar diferentes linguagens como sons, gestos, palavras ou posturas para desenvolvê-la.

Por meio da investigação realizada foi possível perceber que as práticas pedagógicas presentes no Centro de Educação Infantil contemplam a ludicidade, visto que há a presença de brincadeiras livres em momentos de parque, bem como a exploração de diferentes linguagens quando houve a proposta da pista de carrinhos, por exemplo. A professora, por sua vez, demonstra compreender a importância da ludicidade na sua prática pedagógica.

Entretanto, segundo os estudos de Borba (2001) há duas concepções sobre como a brincadeira é inserida no cotidiano da Educação Infantil e, dentre as práticas observadas, houve a presença da *utilização da brincadeira como instrumento didático*. Ressalta-se que foram observados apenas quatro dias de uma rotina com uma média de vinte dias úteis; podendo variar a oferta das brincadeiras.

Ora, se é na Educação Infantil onde preconiza-se o brincar com tanta relevância e através dos inúmeros benefícios descritos neste artigo por que ainda há resistência por parte dos professores para deixar que as crianças brinquem livremente e assim explorem o faz-de-conta, a afetividade e a interação entre os pares?

Há de se utilizar a brincadeira como forma de encaminhamento metodológico, por meio de jogos com regras para ensinar algum tipo de conteúdo e assim fazê-la encantar-se com o que será aprendido. Mas também há de se deixar que brinquem livremente, que deem vida aos objetos ou sucatas em que estão manipulando e assim possamos dar vez e voz para as crianças falarem e colocarem as suas ideias, respeitando a si mesmas e aos outros.

Foi interessante aliar a pesquisa relacionada ao referencial teórico e observar como esta foi inserida na prática de um Centro de Educação Infantil localizado na cidade de Curitiba/Paraná.

Faz-se necessário desenvolver novas pesquisas nesta área, indo em consonância com o que já foi estudado e também esclarecendo novas dúvidas.

REFERÊNCIAS

BOEING, Carolina Hoeller da Silva; WILL, Daniela Erani Monteiro; NUNES, Karla Leonora Dahse. **Infância e criança: conceitos e pesquisa.** Palhoça, UnisulVirtual, 2013.

BORBA, Angela Meyer. Educação Infantil e construção do conhecimento na contemporaneidade: alguns eixos orientadores das práticas pedagógicas. 2001.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf Acesso em 03/03/17.

CONCEIÇÃO, Ana Paula Silva da. Curriculum Plennis Ludens? Um estudo crítico-compreensivo e propositivo sobre a política de ludicidade no currículo de Educação Infantil, a partir do contexto de uma Escola Pública em Salvador/BA. **37ª reunião Nacional da ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.** Florianópolis/SC, 2015. Disponível em: < http://37reuniao.anped.org.br/trabalhos/> Acesso em 03/03/17.

FERREIRA, Maria Manuela M. Do "avesso" do brincar ou . relações entre pares, as rotinas da cultura infantil e a construção da(s) ordem(ens) social(ais) instituinte(s) das crianças no Jardim de Infância. In: SARMENTO, Manuel J.; CERISARA, Ana B. (Orgs)**. Crianças e Miúdos:** perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Edições Asa (Coleção em foco), p. 55-104, 2004.

KAIL, Robert V.; tradução Claudia Sant'Ana Martins. **A criança.** São Paulo: Prentice Hall, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias.** X. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil.** São Paulo: Cengage Learning, 2016.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Encontros e encantamentos na Educação Infantil.** Campinas/SP: Papirus, 2000.

QUEIROZ, Carolina Rodrigues; CARVALHO, Ascânio Wanderley Abrantes de. A importância do lúdico na Educação Infantil. **Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica.** Teresina, 2016.

RAMOS, Rosemary Lacerda. Um estudo sobre o brincar infantil na Formação de Professores de crianças de 0 a 6 anos. **23ª reunião Nacional da ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.** Florianópolis/SC,2000. Disponível em: http://23reuniao.anped.org.br/textos/0703p.PDF http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt_07_13.pdf Acesso em 31/05/2017 Acesso em 31/05/2017.

SILVA, M. R. Exercícios de ser criança: corpo em movimento e a cultura lúdica infantil da rede municipal de Florianópolis. **Motrivivência.** Florianópolis, 2007.

VARGAS, Ângela; SCHMITT, Lucia. Brincar é preciso. **Zero-a-seis.** v. 8, n. 14. Florianópolis, jul.-dez./2006. Disponível em https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1905/1641. Acesso em 30 de maio de 2017.

VEIT, Maria Schweitzer; SÁ, Raquel Stela de. **O lúdico e a brincadeira na infância.** Palhoça, UnisulVirtual, 2014.